

ANÁLISE DOS DISCURSOS HETERONORMATIVOS EM LIVROS PARADIDÁTICOS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Alteney José Souza Gomes¹
Fernando Lucas da Silva Gomes²
Jackson Ronie Sá-Silva³

RESUMO

A escola, local de formação científica, profissional e cidadã, se configura como uma instituição social que potencializa o crescimento cognitivo e sociocultural de alunos e alunas. No contexto dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1° ao 5° ano), os livros paradidáticos, recursos pedagógicos utilizados em sala de aula para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, se constituem como materialidades didáticas que estimulam esses aspectos. No entanto, podemos notar a presença de discursos heteronormativos nesses materiais, implícitos em textos e imagens, apontando para o que é considerado normal socialmente, em termos de sexualidade e gênero. Desse modo, esse trabalho objetiva analisar os discursos heteronormativos em livros paradidáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O estudo é de abordagem qualitativa educacional documental e através das análises de conteúdo do discurso foi possível construir duas categorias: Representação de Papéis de Gênero e Concepções de Sexualidade, no qual os discursos foram problematizados por meio do campo teórico-metodológico dos Estudos Culturais em Educação numa perspectiva pós-estruturalista. Os resultados evidenciam que os livros paradidáticos analisados funcionam como instrumentos para a manutenção da norma heterossexual no contexto escolar, uma vez que, os trechos e ilustrações reunidos, descartam representações discursivas de gênero que fogem à binaridade comumente difundida de masculino e feminino. Nesse processo, também notamos a ausência de menções às diversas formas de afeto, refletindo a concepção de manifestações centradas em um único padrão, no qual desconsidera a pluralidade de expressões identitárias.

Palavras-chave: Discursos heteronormativos; gênero; livros paradidáticos; sexualidade.

INTRODUÇÃO

Ao longo da vida, as pessoas enfrentam uma série de expectativas que moldam sua identidade, desde sua aparência e comportamento até relacionamentos, sendo influenciadas pela mídia, pelo ambiente escolar e até mesmo por pessoas próximas, como familiares e amigos. A anormalidade que é difundida por grande parte da sociedade, é um reflexo de muitas configurações sociais, entre elas a heteronormatividade, caracterizada por privilegiar a

¹ Graduando em Ciências Biológicas Licenciatura, Bolsista PIBIC (PPG-UEMA / CNPq), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil, altsouza365@gmail.com;

² Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil, fer.lucas20@hotmail.com;

³ Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), Edital FAPEMA nº 04/2023 - Bolsa de Estímulo à Produtividade em Pesquisa, BEPP-03896/23, Doutor em Educação, Pós-Doutor em Educação, Professor do Departamento de Biologia na Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil, prof.jacksonronie.uema@gmail.com;

heterossexualidade como a única forma válida de expressão humana, marginalizando qualquer desvio desse padrão (Junqueira, 2013).

Essa norma heterossexual tenta introduzir na menina e no menino, desde muito jovem, a ideia de padrão, como exemplificam Roveri e Soares:

Quando nasce uma menina, logo a embrulham em cor-de-rosa, selam-na e estampam-na com uma marca: Barbie. Sua mãe a enfeita com laços, fitas e apetrechos que evocam a imagem da deusa, fada loura e fiel companheira de todas as garotas. É preciso fazê-la crescer meiga, graciosa, delicada. Ensiná-la a ser menina, sensível e romântica... (Roveri; Soares, 2011, p. 148).

Os ensinamentos a respeito do comportamento no meio social são, em um primeiro momento, papel da família, ela que molda as primeiras vivências dos indivíduos, e como eles ou elas devem performar suas manifestações. Depois disso, a escola aparece como um local de desenvolvimento social, gerando nas crianças e adolescentes respeito e combatendo o preconceito, além de promover o desenvolvimento cognitivo e complementar aquilo que já foi aprendido em casa (Fonseca, 2004).

No entanto, em paralelo a esses atravessamentos, Louro (2019) destaca a escola como um espaço de reforço da heteronormatividade, ao projetar nos alunos e nas alunas a ideia de que a heterossexualidade é algo natural e universal, exigindo conformidade com padrões pré-estabelecidos. Isso resulta na confluência dos conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual, onde pessoas do mesmo gênero devem se comportar de maneira semelhante, podendo sentir atração romântica ou sexual pelo outro gênero, mas nunca expressando práticas ou comportamentos associados ao "gênero oposto".

Incluir questões voltadas a gênero e sexualidade no currículo escolar das crianças ainda é um tabu a ser superado, principalmente em uma sociedade onde há uma forte presença do conservadorismo. Por isso compreendemos a importância de analisar elementos que reproduzam os ideais heteronormativos em livros paradidáticos.

Sendo assim, esse trabalho tem o objetivo de observar e descrever tais elementos que fazem parte da norma heterossexual e compreender as proposições performativas da norma sexual presente em paradidáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Ao investigar essas condutas espera-se que haja uma compressão por parte de professores e professoras, autores e autoras, a fim de incluir contextos não-heteronormativos em seus materiais para que ocorra a identificação e sentimento de pertencimento por parte de alunos e alunas, que podem não se enxergar dentro das normas impostas continuamente, dando-lhes a chance de conviverem com as diferenças de forma saudável.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, por se tratar de aspectos subjetivos da natureza humana. De acordo com Minayo (2016), essa perspectiva se distancia da objetividade, uma vez que se trata de uma investigação de cunho sociológico, baseada em crenças e comportamentos humanos. O estudo se configura como do tipo documental, onde, de acordo com Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009), os livros podem ser entendidos como documentos os que ainda não foram submetidos a uma análise crítica.

Os livros analisados fazem parte do cotidiano dos alunos e das alunas dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). A coleta foi realizada em três escolas da rede pública de Caxias, Maranhão: Colégio Santo Antônio, localizado na Rua Siqueira Campos, nº 508, bairro: Centro; Unidade Escolar Municipal Santos Dumont, localizada na Avenida Santos Dumont, s/n, bairro: Seriema; Unidade Integrada Municipal Leôncio Alves de Araújo, localizada na Avenida José Castro, s/n, bairro: Campo de Belém.

Como critério de realização das análises, foram priorizados os materiais distribuídos pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Além disso, foram selecionados em diversas escolas e publicados por diferentes editoras.

A seguir estão listados os treze livros reunidos para análise, bem como suas respectivas escolas-campo:

Quadro 1: Livros paradidáticos obtidos em três escolas da rede municipal de educação de Caxias - MA

| CÓDIGO | LIVRO | ESCOLA |
|--------|---|--------------------------------|
| LP1 | A princesa que muito sabia... menos uma coisa | U.E.M. Santos Dumont |
| LP2 | As cores de Corina | U.E.M. Leôncio Alves de Araújo |
| LP3 | BIS | U.E.M. Leôncio Alves de Araújo |
| LP4 | Cadê meu travesseiro? | U.E.M. Leôncio Alves de Araújo |
| LP5 | Contos de gringolados | Colégio Santo Antônio |
| LP6 | Dezenove poemas | U.E.M. Leôncio Alves de Araújo |
| LP7 | Hai-quintal | Colégio Santo Antônio |
| LP8 | O livro que lê gente | Colégio Santo Antônio |
| LP9 | O tamanho da gente | U.E.M. Santos Dumont |
| LP10 | Quantos nomes tem um menino? | U.E.M. Leôncio Alves de Araújo |
| LP11 | Quem tem medo do ridículo? | U.E.M. Santos Dumont |
| LP12 | Travesseiro travesso | U.E.M. Leôncio Alves de Araújo |
| LP13 | Feminino de menina, masculino de menino | U.E.M. Santos Dumont |

Fonte: Autoria própria (2024).

Com os materiais catalogados, resultando em treze livros paradidáticos aptos às análises, pautados em Bardin (2011), realizamos a chamada Análise do Conteúdo, havendo uma estruturação sistemática dos dados, com leituras flutuantes e em profundidade para detectar os discursos contidos nos textos e nas imagens.

Após as leituras, foram grifados alguns trechos que chamavam mais a atenção, por transmitirem um teor heteronormativo e iniciamos o processo de categorização dos discursos localizados de acordo com Minayo (2014), onde aqueles dados que demonstravam uma similaridade entre si, foram agrupados por meio de nomeações, reunidos por apresentarem características em comum.

As categorias e subcategorias construídas foram: 1. Representação de Papéis de Gênero (Masculinus/Femininos); 2. Concepções de Sexualidade. As análises foram realizadas com base nos Estudos Culturais em Educação, que nos permite problematizar as noções de gênero, sexualidade, etnias e classes, vistas e classificadas como normais, naturais e legítimas (Silva, 2018).

REFERENCIAL TEÓRICO

O ambiente escolar tem uma grande capacidade de catalisar discursos heterocentrados, visto que a escola tem o poder de, além de desenvolver a capacidade cognitiva de seus alunos, também produzir um significado social no que diz respeito à autonomia e cidadania do ser (Goulart, 2006).

Neste sentido, na própria escola, há uma predominância de declarações que estão de mãos dadas com essa narrativa heteronormativa, bem como expõe Constantina Xavier:

Os livros para a infância demonstram conceitos em seus textos e ilustrações que indicam aquilo que é considerado como ‘normal’ para a vivência da sexualidade nesse período da vida. Predomina uma linguagem impositiva e normativa que visa dizer aquilo que é considerado ‘correto’ na educação das crianças (Xavier, 2014, p. 161).

A discussão proposta por Xavier nos apresenta a imposição do que é considerado “normal” e “correto” por meio de textos e ilustrações em livros que estão disponíveis a estudantes tão novos (anos iniciais do Ensino Fundamental), que estão uma fase fundamental para a sua formação.

Tendo isso em vista, observamos o quão frágil podem estar sendo as abordagens feitas pelas escolas quando se trata deste assunto, percebemos um distanciamento entre o ideal e o

real, visto que, aquilo que é idealizado pela mente dos chamados conservadores, jamais se fará presente na sociedade em sua totalidade. Essas idealizações culminam, muitas vezes, em atos discriminatórios, como agressões físicas e/ou verbais, psicológicas, para os corpos tidos como errôneos, a exemplo de indivíduos transexuais e travestis.

Os atos citados anteriormente são consequência de uma sociedade onde "Qualquer possibilidade de rompimento das fronteiras de gênero aponta para uma classificação no campo da patologia, da anormalidade" (Felipe, 2000, p.123). Essa ideia citada por Felipe ainda se perpetua nos dias de hoje, por mais que não se associe, pelo menos de forma geral, a homossexualidade e transexualidade uma patologia, ainda é possível esbarrarmos em colocações onde estes estão vinculados a "imoralidade sexual" ou "distorção do natural".

É bom ressaltar que, mesmo aqui colocadas juntas, ambas não estão intrinsecamente ligadas:

O conceito de identidade de gênero está atrelado ao relacionamento da pessoa com seu próprio corpo. Existem pessoas que nascem biologicamente mulheres, por exemplo, mas não se identificam com esse gênero desde a infância, o que gera um conflito interno. Já a sexualidade diz respeito a com quem alguém se relaciona (UNICEFF, 2023).

Sendo assim, podemos considerar que o gênero se trata de como alguém se enxerga no mundo e a forma que deseja se expressar, enquanto sexualidade se encontra relacionada a atração e envolvimento amorosos e pessoais. Muito embora ambas possam andar juntas em algum momento, pois existem diversas possibilidades de estar bem consigo mesmo e se relacionar com o mundo.

Sendo considerados aspectos "naturais", o distanciamento daquilo que é visto como normal acaba provocando uma estranheza para os discursos hegemônicos. Para Alós (2011), estar fora do padrão hegemônico socialmente difundido não é negar que haja diferenças anatômicas entre homem e mulher, mas que esses elementos não deveriam servir de instrumento para a designação de papéis pré-determinados a tais, sem qualquer direito à escolha individual. Essa noção acabou se tornado um fator na sociedade contemporânea por causa de figuras influentes que, em algum momento, decidiram tomar isso como verdade, perpetuando assim tal pensamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas comumente encontradas nos textos analisados nos remetem a normas sociais recorrentes, baseadas na forma hegemônica de compreender as masculinidades e as

feminilidades, tomando por padrão a heterossexualidade e interiorizando nos docentes e nas docentes, nos alunos e nas alunas uma visão normalizadora do que é ser homem ou mulher. Britzman (1996), pauta essa necessidade de oposição entre ambos, onde indivíduos com pênis têm por obrigação se mostrarem masculinos (falar, andar, se vestir como tal), oposto a isso, para pessoas serem aceitas como femininas precisam ser “marcadas” pela presença da vagina, logo estas estarão presas a cor-de-rosa, delicadeza e fragilidade.

A literatura tem o poder de reproduzir estereótipos socialmente difundidos como corretos, perpetuando representações de papéis de gênero através de suas narrativas.

A figura 1 exemplifica como essas narrativas estão presentes nos livros paradidáticos.

Figura 1 - Ilustrações dos livros paradidáticos que reforçam papéis de gênero



Fonte: Ilustração A - (LP7, p. 20); Ilustração B - (LP13, p. 12-13).

Nas ilustrações notamos o quanto os ilustradores tentam diferir morfologicamente as características entre meninos e meninas, usando de traços difundidos como exclusivos para cada um, como o tamanho dos cabelos (longos para as meninas e curto para os meninos), as vestimentas e as cores.

As cores escolhidas para cada personagem reforçam a ideia de dualidade entre os dois gêneros, onde o gênero feminino estaria ligado a cor rosa e, em contramão, as pessoas que são lidas como masculinas deveriam optar pelo azul. Enquanto no LP13 percebemos essas cores de modo mais marcante, no LP7 elas se mostram de maneira mais sutil, mas ainda sim perceptíveis.

É importante, ainda, observar que no LP13, ao notar a imagem do menino, em sua totalidade, encontra-se também o desenho de um avião. Esse meio de transporte tido como um brinquedo másculo e apresentado para as crianças com o discurso de que “Para os garotinhos em geral os brinquedos divergem completamente: meios de transporte terrestre, navais e aéreos [...]” (Belotti, 1975, p. 76).

Para Belotti (1975) essas reflexões, de como a sociedade incorpora na criança ideias que ela dita como verdadeiras, no que diz respeito ao gênero daquele indivíduo, que ainda está em

seu processo de formação, transformando os brinquedos em instrumentos que atuarão como “[...] instâncias que colocam em funcionamento a pedagogia da fabricação de homens e mulheres” (Campos e Silva, 2014, p. 216).

Os papéis de gênero polarizam os indivíduos, classificando-os em masculinos e femininos. Nos paradidáticos podemos encontrar essa binaridade em diversos trechos.

Quadro 2: Trecho de livro paradidático que reforça papéis de gênero masculinos.

| Código do livro | Trecho |
|-----------------|---|
| LP9 | “meu pai ao lado, com uma cara engraçada, um sorriso amarelo, tadinho, como a dizer: ‘Como será que vai ser esse pestinha meu Deus?!’. Meu pai parece sonhar: [...]será que vai ser goleiro, artilheiro... engenheiro, barbeiro, festeiro, bombeiro, cheio do dinheiro [...]” (p. 13) |

Fonte: Autoria própria (2024).

O LP9 retrata, no trecho apresentado, a expectativa criada pelos pais a partir de contextos vividos por tais, sobre de seus filhos. Primeiramente, imagina-se que o pai já possui em seu imaginário o gênero pelo qual a criança que está sendo gerada irá se identificar, uma vez que ele se reporta à criança como “esse pestinha”. Logo em seguida esse pai mentaliza profissões a serem seguidas por seu filho, citando “coisas que um homem gostaria de ser”, como, goleiro, artilheiro e barbeiro. Essas premeditações, refletem os ideais de uma “[...] sociedade hegemonicamente masculina, branca, heterossexual e cristã, têm sido nomeados como diferentes todos aqueles que não compartilham desses atributos [...]” (Louro, 2005, p. 86).

Quadro 3: Trecho de livro paradidático que reforça papéis de gênero femininos

| Código do livro | Trecho |
|-----------------|--|
| LP13 | “O maior problema das meninas é que elas são muito delicadinhos... Muito cheias de lacinhos, de fivelinhas, de cor-de-rosinha [...]” (p. 22) |

Fonte: Autoria própria (2024).

Em divergência ao que se tem como masculinidade, observamos as falas de alguns meninos no LP13, que transmitem uma imagem prejudgada das meninas, bem como seu papel no meio social. As expressões de feminilidade aparecem muito bem definidas nesse trecho, a delicadeza é algo que sempre remete a essas pessoas, tidas como frágeis, que não podem manifestar comportamentos, manifestações ou expressões vistas como masculinas. Isso se reflete, também, em suas vestimentas, laços e fivelas são itens que prevalecem em roupas femininas, isso se nota desde muito cedo, quando os pais enfeitam suas filhas com adornos e mais adornos para marcá-las como meninas (Roveri e Soares, 2011).

Figura 2: Ilustração de livros paradidáticos que reforça papéis de gênero femininos.



Fonte: LP4, p. 9.

No LP4 temos nossa protagonista, em sua casa, mais especificamente no quarto, onde observando as ilustrações, é possível identificar a presença de estampas floridas em sua cama, trazendo uma visão mais feminilizada da personagem, uma vez que flores são associadas às meninas por serem consideradas supostamente delicadas. Além disso, em sua cama há uma boneca, enquanto ela conversa com seu pai. As bonecas são difundidas como peças de recreação exclusivas para as garotas, com o predomínio de discursos como: “Para as meninas existe uma vastíssima gama de objetos miniaturizados [...] e uma série infinita de bonecas [...]” (Belotti, 1975, p. 75).

Esse é um dos primeiros contatos da criança, ainda sem muitos entendimentos sobre sua identidade, com símbolos representativos de gênero. Os brinquedos são, muitas vezes, inseridos na vida dos indivíduos desde a infância, sendo assim, acompanham seu crescimento, servindo como instrumento de manutenção cisheteronormativa. Essa inserção é regrada pela base da moralidade, ou seja, a família. Nessa perspectiva, para Fonseca (2004), é no leito familiar que a construção identitária do sujeito será mais marcante, sendo ele a peça fundamental para o desenvolvimento de papéis sexuais e de gênero nos filhos.

Assim como acontece com as expressões de gênero, quando se trata de sexualidade, também há uma exposição contínua da heterossexualidade por meio de tais histórias em detrimento de outras formas de afeto, pois quando se esconde isto dos indivíduos, apaga-se a possibilidade dessas expressões identitárias serem expostas, abrindo espaço para “[...] ocultar a sua homossexualidade quando já se pressupõe que ela não existe pode ser a resposta mais razoável à hostilidade estatal e à hostilidade generalizada contra as homossexualidades” (Britzman, 1996, p. 83).

As histórias presentes nos livros paradidáticos trazem, também, concepções de sexualidade voltadas à norma heterossexual, descartando a homossexualidade, bissexualidade e demais em seus textos.

Quadro 4: Trecho de livro paradidático que reforça concepções padronizadas da sexualidade humana.

| Código do livro | Trecho |
|-----------------|---|
| LP3 | “Seu marido todos consola, além de gostar de viola, já ela é grudenta, chega a ser gosmenta. Eis o Seu Colo e Dona Cola!” (p. 21) |

Fonte: Autoria própria (2024).

O PL3, traz noções de binaridade ao decorrer de todo o seu texto. No trecho em questão, refletimos sobre o jogo de palavras, utilizado como artifício para reforçar os ideais binários presentes na sociedade. Onde, por mais que as palavras se assemelham, o final tem as alterações entre “o” e “a”, para haver uma dicotomia de “ele” e “ela”. Desse modo, podemos perceber que mesmo seres que não possuem um sexo biológico, podem ser colocados em padrões binários, mostrando que o gênero “[...] não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade” (Scott, 1995, p. 76). Notamos que ambos precisaram parecer opostos, para que assim pudesse haver uma relação afetiva sem destoar dos padrões hegemônicos impostos socialmente.

Figura 3: Ilustração de livro paradidático que reforça concepções padronizadas da sexualidade humana.



Fonte: LP 11, p. 19-20.

Um exemplo clássico de manutenção social heteronormativa é o casamento. Assim, o LP4 nos apresenta isso de uma forma extremamente tradicional, observamos a presença marcante de diferenças entre o noivo e a noiva. O marido trajando roupas tradicionais como cartola, blazer e artigos de alfaiataria, e a noiva com seu vestido, véu e o buquê de flores em suas mãos, notamos também a presença de uma figura religiosa realizando a cerimônia. Por ser realizado em um âmbito religioso, essa união, se afasta de um casamento estritamente focado

na amizade, afeto e companheirismo dos cônjuges, havendo uma obrigatoriedade em relação à procriação (Mcfarlane, 1990). Sendo a última, uma questão no meio religioso.

Essa necessidade de geração de herdeiros legítimos, os filhos biológicos, impede, portanto, a consolidação de casamentos entre pessoas do mesmo sexo, uma vez que estes, mesmo dispostos a manter o amor e o respeito no ambiente conjugal, são desencorajados a constituírem uma família. Uma vez que, anatomicamente, são considerados “incapazes” de reproduzir, isso é o que Judith Butler (2000) problematiza, por se tratar de uma disseminação errônea da Biologia que normatiza e materializa dos corpos, para manter a cultura hegemônica da família nuclear.

Em suma, constatamos que o meio escolar é “[...] um dos principais instrumentos de normalização, uma verdadeira tecnologia de criar pessoas ‘normais’, leia-se, disciplinadas, controladas e compulsoriamente levadas a serem como a sociedade se quer” (Miskolci, 2012, p. 18-19). Esse espaço utiliza de instrumentos que carregam consigo referências heterocentradas, como os livros paradidáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada revela um descuidado, que muitos autores e autoras têm ao construir suas histórias através de textos e ilustrações, em relação às questões de gênero e sexualidade, mostrando que a maioria opta por um discurso que constrói narrativas pré-determinadas, ignorando a existência de expressões que vão além da binaridade imposta corriqueiramente.

Os estudos aprofundados sobre os livros paradidáticos utilizados constantemente nas escolas, trazem à tona discursos que, acabamos esbarrando em nosso cotidiano, esses são utilizados como ferramentas para a manutenção de uma sociedade dualista, onde homens e mulheres estão separados, como se houvesse uma fronteira que ambos os lados não poderiam cruzar, para que assim possam se ver pertencentes ao espaço social em que estão inseridos.

Norteadas pelos objetivos, essas indagações aqui expostas, não têm por finalidade a extinção da presença de indivíduos ou casais heterossexuais das narrativas levadas à sala de aula, mas propõe questionamentos acerca da intencionalidade de haver uma presença excessiva de tais nesses textos, afastando o aluno e a aluna da realidade social plural contemporânea.

Esse afastamento ainda nos primeiros anos do ensino fundamental constrói, na criança, uma visão bem limitada no que se refere à diversidade de gênero e sexualidades presentes no mundo ao seu redor. Essa visão poderá interferir no seu convívio em sociedade, uma vez que

as representações presentes na sua construção cognitiva e social, no âmbito escolar, são restritas à heteronormatividade, implicando em preconceitos consigo mesmo, em caso de crianças, jovens e adultos que não se vêem como parte da cultura heteronormativa ou para com o outro, ao notar-se um desvio no que ela defende como normal.

Dito isso, constata-se importância de haver personagens/histórias não heterocentradas, a fim de possibilitar a autocompreensão e a aceitação das pessoas de forma plena, bem como a ciência das individualidades que estão presentes em nosso cotidiano, trazendo a escola ao lugar de acolhimento, tornando-a um lugar seguro para manifestações de gêneros e sexualidades, expressões e demonstrações de afeto que fogem do que outrora se considerava como padrão a ser seguido.

REFERÊNCIAS

ALÓS, A. P. **Gênero, epistemologia e performatividade:** estratégias pedagógicas de subversão. Revista Estudos Feministas, v. 19, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BELOTTI, E. G. **Educar para a submissão.** Petrópolis: Vozes, 1975.

BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. Trad. T. T. Silva, **Educação e Realidade**, v. 21 (1), 1996.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CAMPOS, P.L.; SILVA, E.P.Q. **Modos de ensinar a e aprender a ser menino e a ser menina.** Revista de Educação, Campinas, 2014.

FONSECA H. **Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias.** Rev. Adolescência e Saúde da UERJ 2004.

GOULART, C. A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores. In: Ministério da Educação. BEAUCHAMP, J., PAGEL, S.D., NASCIMENTO, A. R. (Orgs.). Brasil. Cadernos Pedagógicos da EaD. **Ensino fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília, Estação Gráfica, 2006.

JESUS, J. G. **Trans-formações:** poder e gênero nos novos tempos. Anais do 18º Congresso Brasileiro de Psicodrama. Brasília: Federação Brasileira de Psicodrama, 2012.

JUNQUEIRA, R. D. **Pedagogia do armário:** a normatividade em ação. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MCFARLANE, A. **História do Casamento e do Amor**. Cia das Letras. São Paulo, 1990.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MISKOLCI, R. **Teoria queer: Um aprendizado pelas diferenças**. Autêntica. Belo Horizonte. 2012.

ROVERI, F.; SOARES, C. L. Meninas! **Sejam educadas por Barbie e com a Barbie**. Educar em Revista, v. 41, 2011.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F.; Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I - Número I, 2009.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. 1995.

UNICEFF. **Gênero vs Sexualidade: Entenda a diferença**. Brasil, 2023.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

XAVIER, F. C. Gênero, corpo e sexualidade nos livros para a infância. **Educar em Revista**, 2014.